

Assunto de família - Constrangimento "amarra" desempregado

Por Tatiana Diniz

*Dificuldade de contar a verdade em casa é ainda maior entre
integrantes do alto escalão*

Se perder o emprego é ruim, revelar a situação à família pode ser uma etapa ainda pior. Constrangimento, medo do abandono e sentimento de impotência encabeçam a lista das "amarras" que impedem as pessoas de conversar sobre o tema à mesa de jantar.

De acordo com especialistas, quanto mais alto o posto perdido, maior costuma ser o desafio enfrentado pelo profissional na hora de abrir o jogo em casa. "A perda do status dói mais nesses casos. Muitas vezes, o reconhecimento da família derivava do fato de a pessoa ser importante onde trabalhava", observa Nelson Moschetti, da RCS Consultores. Para se ter uma idéia de quão delicada é a situação, há quem recorra a medidas extremas, mantendo horários de chegada e saída por dias ou meses antes de ter coragem de contar a verdade.

O tema é tão recorrente que inspirou o roteiro de "A Agenda" (França, 2001), do diretor Laurent Cantet. Na trama, o alto executivo Vicent não só esconde a demissão da família como cria uma nova função, que o mantém sempre longe de casa. Para dar sustentação à farsa, passa noites no carro ou em um chalé abandonado. A vida real tem episódios semelhantes. "Já atendi um [executivo] que passava as tardes inteiras dentro de salas de cinema enquanto a família achava que ele estava no trabalho", ilustra Elaine Saad, da Right Saad Fellipelli.

"AGORA NÃO DÁ"

Há pouco mais de um mês, o economista A.J., 57, recebeu a notícia de que seria dispensado da firma em que trabalhou durante os últimos sete anos. Levou nove dias para comunicar mulher e filhos. "Ficava pensando na melhor maneira de dizer", explica. Deixou de ir para a cidade onde moram, como fazia às sextas-feiras, para adiar o problema. "Empurrei para o outro fim de semana."

Já no caso de B.S, 30, formada em ciências sociais, o receio de contar que havia perdido o emprego durou três meses. "Minha família mora em Fortaleza, e meu pai e meu irmão estavam doentes. Não tinha coragem de dar a eles outra preocupação", afirma.

Assim como a proteção aos pais, o medo da reação dos filhos costuma ser outro desafio. "É ilusão esconder deles porque as crianças sentem que há algo errado", diz a psicóloga Natércia Tiba.

Para ela, muitos sobrepõem o papel profissional ao de pais e vêem essa identidade ruir com a demissão. "Mas é uma chance de estreitar laços com as crianças." Que o diga a gerente Rosa Lopes, 49. Durante os cinco meses em que esteve fora do mercado, acompanhou a vida escolar dos filhos Marina, 15, e Mateus, 10. "Fazia a lição com eles todo dia. Foi um período muito proveitoso."

Reação da mulher é chave para recolocação

Em um casamento, quando o emprego perdido é o do marido, a mulher concentra o poder de levantar a auto-estima dele. Ou de prejudicá-lo ainda mais. A afirmação é unânime entre os consultores, que enxergam grande impacto na participação feminina. Eles apontam as mulheres que também trabalham fora como capazes de atravessar a situação com mais compreensão.

"Por não encarar o cônjuge como único provedor da casa, a parceira empregada dá a ele a chance de decidir com calma o novo rumo. A volta ao mercado é mais segura", descreve Mariá Giuliese, da Lens & Minarelli Associados.

Hoje, alguns processos de recolocação -principalmente de executivos- já prevêm a colaboração delas. "Costumo chamá-las e encarregá-las de manter o ânimo [do candidato] elevado. Isso aumenta as chances de ele se recolocar. Já a tensão e as cobranças surtem o efeito contrário, o desempenho dele cai", enfatiza Denise Kamel, da consultoria Selectus.

"Por favor, não me venha com essa história de novo" foi o comentário feito pela mulher do executivo A.J. quando ele anunciou que tinha um comunicado importante a fazer para a família.

Dona-de-casa, ela se referia a um período anterior de nove meses de desemprego dele. "Quando confirmei a suspeita dela, foi um transtorno, uma tristeza. Ela chorou muito", relata o profissional, que está cumprindo aviso prévio.

Comunicar às crianças evita que elas ponham em xeque a sinceridade do relacionamento

Crise não é individual e deve ser repartida

Longe de instituir uma situação de alívio, dissimular a perda do emprego para a família geralmente se converte numa fonte de tensão, estresse e angústia. Além disso, a medida é duplamente perigosa. Isso porque anula a sintonia com uma potencial fonte de amparo e de estímulo capaz até mesmo de auxiliar a caça a novas posições. Por isso abrir o jogo continua sendo o melhor caminho, por mais difícil que seja.

"A perda do emprego é uma crise familiar, e não só pessoal. Mesmo quando a reação é esconder, a comunicação acontece por outras vias que não a verbal", observa a psicóloga Natércia Tiba.

O consultor Luis Fernando Garcia concorda e completa: "Na psicologia analítica, o núcleo familiar é apontado como o elemento que "dá continente" ao indivíduo quando ele se encontra à deriva".

Garcia, que acompanhou o desligamento de diretores do grupo Bradesco em uma época de reestruturação da empresa, observa que há um temor reinante entre os executivos de que, a partir da família, a notícia "vaze".

"Para um executivo, pôr a boca no trombone não é estratégico. Mas isso não o impede de conversar sobre o assunto em casa. O melhor é colocar a verdade de forma não comprometedora, sem se expor demais", ensina.

JOGO LIMPO

Elucidar os filhos sobre a situação, independentemente da idade que tenham, indica prudência. "Perceber alguma coisa errada dá margem a fantasias de que algo muito ruim esteja acontecendo. Isso é pior do que conhecer a realidade", pontua Tiba. A especialista reforça que é muito importante validar a compreensão das crianças.

"Quando notam a crise, mas ela é negada, começam a questionar a percepção que têm da realidade e a sinceridade do relacionamento entre eles e os pais", comenta. O casal Amauri Martins, 40, e Carminie Pacheco, 39, enfrentou perdas sucessivas de emprego. "Fui demitida de um cargo com boa remuneração e passei quatro meses sem trabalho. Nosso padrão de vida caiu. Quando finalmente consegui uma nova posição, meu marido foi mandado embora", relata Pacheco.

Felipe, o filho de cinco anos, acompanhou todo o processo e teve participação ativa nas discussões sobre a situação da família. "A maior preocupação dele era se teríamos dinheiro para pagar a escola. Tinha medo de não poder ir mais lá, de ficar longe dos amigos", conta ela.

Além de acalmar o garoto dizendo que a mensalidade da escola estava garantida, os pais aproveitaram a deixa para reforçar a necessidade de economia. "Mostramos que não dava para gastar tanta luz nem fazer passeios como antes porque era preciso usar esse dinheiro para comprar comida. Ele entendeu."

COFRINHO

No escritório da consultora Mariá Giuliese, que gerencia os programas de recolocação da Lens & Minarelli, desabafos sobre a dificuldade de contar a verdade aos filhos dividem espaço com a preocupação de conseguir emprego. Num dos casos, segundo conta, um executivo manteve segredo para a filha menor, temendo a reação. Ao contar, ficou surpreso. "A menina fazia comerciais, e os cachês eram poupados. Quando soube da situação, ofereceu as economias. Ela sustentou a família por um tempo."